

Resenha

A loucura nossa de cada dia¹

Potiguara Mendes da Silveira Jr²

Resumo: Manifestações da loucura ao longo da história; sua tensão entre morbidez e criação; e o que a Nova Psicanálise tem a dizer sobre como lidar com sua ineliminável presença na vida de todos.

Palavras-chave: Nova Psicanálise; comunicação; loucura

Morbidez e poesia

Então, lá no século 4 aEC, Aristóteles (384-322) considerava a loucura, um “estado excessivo” e “mórbido” (Ét.Nic., 1149a, 5) contraposto à “reta razão” (1151b, 25). É um pouco diferente do que, segundo Platão, Sócrates (469-399) pensara ao dizer que, além das loucuras profética, ritual e amorosa, havia a loucura poética, uma “espécie de possessão e de delírio [mania] que provém das musas” (Fedro, 245a).

Mais de vinte séculos depois, Michel Foucault (1926-1984) dirá que a loucura passou a simbolizar “toda uma inquietação de repente surgida no horizonte da cultura europeia por volta do final da Idade Média. A loucura e o louco se tornam personagens maiores” (1972: 24). De lá para cá, não mudou muito. Entre morbidez e poesia, a tensão está posta – e parece que ainda se mantém o que Erasmo (1466-1536) faz a loucura dizer em 1509: “Sou eu, e mais ninguém, que alegro os Deuses e os homens” (Rotterdam: 5).

Em 1784, Kant (1724-1804) dirá que o Esclarecimento (*Aufklärung*), o Iluminismo, “é a saída do homem de sua menoridade”, de sua auto-imposta imaturidade. É não mais precisar da tutela de autoridades estatais ou eclesiásticas para exercer o “uso público de sua razão”. Mas este exercício da razão para ser universalmente aplicável, tinha que, ao modo de Aristóteles, excluir tudo que dissesse respeito a motivações irracionais como, por exemplo, aquelas que estão na base dos desejos e idiosincrasias dos homens e das mulheres. Ou seja, excluir o que se relacionava à loucura era a exigência para o bem de um convívio racional entre os civilizados, que começavam a ser modernos e esclarecidos.

¹ Apresentado no ciclo de palestras “Por que parece que está todo mundo maluco? – Comunicação e psicanálise”, promovido pelo projeto de extensão TecMen: Tecnologias da Mente / UERJ, no auditório da FACHA/RJ, 28 novembro 2009.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UFJF. Pesquisador do ETC: Estudos Transitivos do Contemporâneo e do Comunicação e Tecnologias (Grupos de Pesquisa/CNPq). Psicanalista (NovaMente/RJ). Email: potiguaramsjr@uol.com.br.

Entretanto, embora a intenção fosse extirpar ao máximo a loucura para a instalação da boa sociedade, sua presença sempre se forçou a todos e a todo momento de tal modo que, no final do século 19, era corrente a idéia de que “o homem, sob um aspecto ou outro, se dividia em relação a si próprio” (Laplanche, 1973: 68). Era a época dos inícios das observações psicopatológicas e dos estudos sobre a esquizofrenia, a histeria e a hipnose. É quando Charcot (1823-1893) trata das histéricas mediante hipnose no Hospital psiquiátrico Sapêtrière. É lá que Freud (1856-1939) vai estagiar em 1885.

Segunda revolução industrial

Estamos aí no início do que os historiadores chamam de segunda revolução industrial, ocorrida nas décadas 1880-1920, em que começam a ter expressão social muitas atitudes anteriormente guardadas e presas no armário da loucura: a mulher independente; as identidades homossexuais; a fuga às preocupações com os negócios; e a busca de novas experimentações sexuais, boêmias e artísticas (modernistas) (Zaretsky, 2004: 5).

Os anos 1920 são justamente os “anos loucos”, quando ganha forma final um novo tipo de vida pessoal não mais centrado na família, e sim em modos de convívio inspirados nos ritmos e localizações das fábricas, só que agora acrescidos de “uma corporação verticalmente integrada [que] organizava não apenas matérias-primas e produção, mas também publicidade, marketing e consumo” (*id.*, p. 8). Ou seja, é um momento que precisa das forças criativas da razão, mas estas não têm como não recorrer a experiências inovadoras que lhe escapam. Eis aí o campo fértil para proliferarem as idéias freudianas de Inconsciente e de que tudo que há (homem e cosmos) pode ser considerado como se movimentando sob a pressão constante de uma “pulsão de morte”, i.e., de um impulso cujo único objetivo é extinguir-se absolutamente (Freud, 1920). É nesta seqüência que, em 1946, Lacan (1901-1980) vem enfatizar a importância da noção de loucura, colocando-a como um “fenômeno do pensamento” (Lacan, 1966: 162) não “separável da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem” (*id.*, p. 166). Diz ele que, para o homem,

Longe de a loucura ser o fato contingente das fragilidades de seu organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência.

Longe de ser para a liberdade ‘um insulto’, ela é sua mais fiel companheira, ela segue seu movimento como uma sombra.

E o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, mas não seria o ser do homem se não carregasse nele a loucura como limite de sua liberdade.

Evidencia-se assim a existência de uma “loucura dos riscos supremos”, aquela praticada pelos “santos e heróis da liberdade” (*id.*, p. 176). Este é um trecho muito citado e tem uma importância que talvez só agora seja possível melhor avaliar, pois o pensamento de Lacan se mostra cada vez mais como *terminal* em relação a todo um modo de consideração bem característico de sua época. Com ele, são levadas ao extremo as possibilidades heurísticas de certa ênfase de cunho estruturalista dada pela modernidade tardia ao tratamento das questões mentais (Silveira Jr., 2006: 157).

Século 21

Isto não torna Lacan menos importante. Ao contrário, nele temos explicitamente já indicados os elementos de sustentação da psicanálise como modo de pensamento e ação específico e com serventia clínica ante os fluxos e refluxos cada vez mais revoltos dos movimentos cotidianos das pessoas e do mundo no século 21. O ponto de partida é, como dito acima, o conceito de *Pulsão*, que Freud chamou de “pulsão de morte” por ver em seu permanente desenrolar a vocação única e exclusiva de almejar sua própria extinção. E o que ele apresenta como “pulsão de vida” é hoje pensado não como “outro” pólo capaz de lhe fazer oposição, e sim como decorrência (decadência) da impossibilidade com que se depara a Pulsão de atingir aquele seu objetivo último de anulação absoluta. Vendo-se, portanto, obrigada (ou condenada) a restar percorrendo infindáveis périclos de *resistência* a esta anulação. A idéia de *Vida* se resume, pois, à resistência do movimento pulsional a extinguir-se completamente.

Desde os anos 1980, pelo menos, as pesquisas científicas têm resultado em inúmeras e até então impensadas descobertas, não sendo mais possível excluir a existência de determinações orgânicas e etológicas na abordagem dos fenômenos mentais. Cientistas cognitivos vêm enfatizando a não existência de uma tábula rasa para os bebês humanos, mas, ao mesmo tempo que constataam a grande quantidade de predisposições já dadas e marcadas nos genes, também verificam “uma incompatibilidade entre os propósitos para os quais nossas faculdades cognitivas evoluíram e os propósitos para os quais as empregamos no presente” (Pinker [2002]: 302). Não possuímos ferramentas mentais inatas e espontâneas para acompanhar intuitivamente a “nova compreensão do mundo alcançada pelos cientistas e pela tecnologia” (*id.*, p. 305).

Justamente para propor novos entendimentos sobre o que ocorre com a espécie humana quando se depara com esse tipo de fosso em sua apreensão dos acontecimentos é que a Nova Psicanálise amplia o conceito freudiano de “pulsão de morte” para tudo que há e o apresenta conforme a uma Lei que passa a reger seu aparelho teórico: tudo que há deseja não haver. Dito de modo formular: “Haver deseja não-Haver”, (A→ \tilde{A}) (Magno [1986]: 61-75).

O deslocamento promovido pela Lei assim formulada dá condições de tomar tudo que há, o *Haver*³ (outro conceito importante), segundo uma direção pulsional referida a uma experiência absoluta que é traumática, inarredável e irreduzível para tudo e todos: só há desejo de não haver, e não de haver. Trata-se do conceito puro e simples de *Pulsão* (e não mais de uma ‘pulsão de morte’ oposta a uma ‘pulsão de vida’) como *força constante e silenciosa que se aplica a tudo no sentido de sua própria e total extinção*. É uma concepção que acelera heurísticamente a consonância, já presente em Freud, com a segunda lei da termodinâmica (permanente tendência ao crescimento da entropia), e estende o alcance da pulsão para além de sua incidência psíquica. Agora, todas as ocorrências do Haver estão sob sua pressão.

A espécie humana é aquela que porta em sua estrutura uma mente cuja operação está diretamente subdita a essa lei pulsional. Por isso, constatamos com facilidade que nossas ações e compreensões freqüentemente oscilam de um pólo a outro: de amor a ódio, de hard a soft, de belo a feio... É uma loucura, portanto: isso não pára! Estamos condenados a funcionar segundo esse movimento permanente, restando nos revirar no sentido de acompanhá-lo.

Revirão

Daí o conceito de *Revirão* proposto em (Magno [1982]) para descrever e acompanhar o fato de o movimento da pulsão, ao atingir o ponto máximo da aproximação de seu desejo (não-Haver), deparar-se com a impossibilidade de realizá-lo, pois, como diz o nome, ele não há. Além disso, nesse ponto máximo de exasperação que o movimento pode atingir, inevitavelmente ocorre uma neutralização das oposições que são inerentes às *Formações do Haver*⁴ e seu conseqüente avessamento, só restando ao movimento recompor-se em

³ Haver (A): conjunto aberto de tudo que há e que pode vir a haver. Inclui o chamado Universo.

⁴ Expressão designativa de que tudo no Haver comparece como formação (o que quer que se forme: pedras, ar, pensamentos, etc.), inclusive as formações ditas psíquicas. Qualquer formação do Haver se movimenta no empuxo da Lei, como ressonância ou metáfora da impossibilidade última de Haver (A) passar a não-Haver (\tilde{A}).

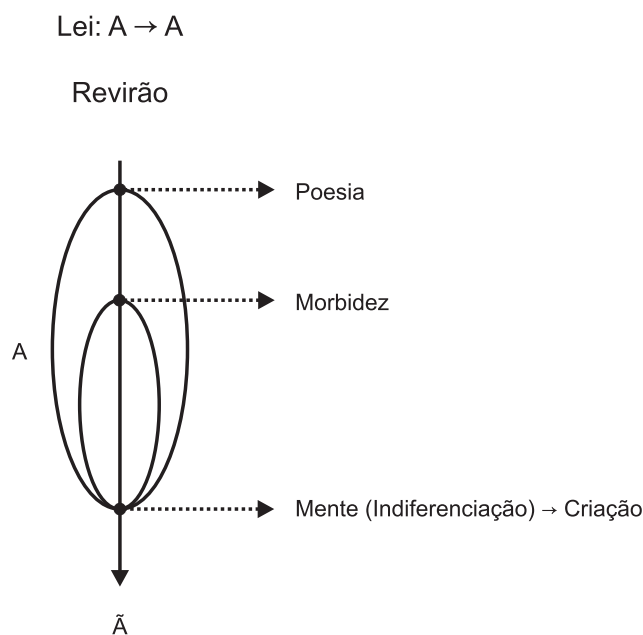
função da impossibilidade definitiva de apagamento absoluto que aí se impõe e que, de algum modo, marca-se como experiência em seu percurso. E assim eternamente.

Trata-se da *suspensão*, ainda que por um átimo, do caráter opositivo das formações que pressionam umas as outras em sua agonística dentro do Haver (entre as quais, a formação chamada humana). Suspensão esta produzida por uma *indiferenciação*⁵ dos sentidos de seus pólos, o que, para bem e para mal, disponibiliza tudo e todos, direta ou indiretamente, a uma permanente possibilidade de passagem, em continuidade, de um pólo a outro. É justo o fato de portar esse processo de indiferenciação em sua mente – e não sua capacidade linguageira (que, aliás, é decorrência de haver a indiferenciação) – que especifica o humano e as chances de criação (não de sínteses, mas) das *próteses*⁶ que têm caracterizado seu modo de existir.

E para finalizar esta breve resenha, apliquemos o Revirão para entender a tensão, que colocamos no início, entre: racional / irracional, poesia / morbidez – ou em termos pop: lucidez / maluquez. O Revirão é o que a Nova Psicanálise propõe como tecnologia da mente que possibilita detectar os acontecimentos de oscilação e passagem entre esses dois pólos cuja permanência vem sendo descrita desde que a cultura dá seus primeiros passos. Não se trata de colocar tudo na conta de suas inscrições genéticas, ou tampouco das questões ambientais intervenientes, mas de visualizar (com possibilidades de intervenção) a lógica constituinte da mente em funcionamento nas pessoas e no Haver.

⁵ Trata-se aí do processo de in-diferenciação que ocorre no ponto neutro do Revirão (cf. desenho, a seguir no texto) e cujo resultado é as diferenças (não se eliminarem, mas) se equivalerem e se disponibilizarem a uma *hiperdeterminação*. O que *hiperdetermina* tudo que há, o Haver, em seu movimento de estados e modalizações é sua Causa (não-Haver), que lhe é tão exterior que nem há, mas que nele se inscreve de algum modo e se reinscreve na espécie humana.

⁶ Há um fundamento protético para a emergência de qualquer oposição. Assim, “no jogo opositivo da tese com sua antítese, não se trata de formular nenhuma síntese. Pode-se, sim, formular um salto quantitativo ou qualitativo por cima da oposição”. É uma *Prótese* “nos dois sentidos: como anterioridade tética de uma tese em relação com sua antítese; e como um postigo, uma fatura, um artifício do Haver” (Magno [1991]: 139). Recupera-se das idéias freudianas de *Bejahung* (afirmação anterior a qualquer (de)negação), de sentido opositivo das palavras primitivas, e de *Unheimliche* (estranho e familiar), por exemplo, a “base protética de cada movimentação dialética entre opostos que se nos apresentam na vida e no pensamento” (p. 144). Daí, então, afirmar-se que o específico do humano é a possibilidade de reviramento e que tudo que seja por ele tocado é situável no nível do pró-tético (Magno [1992]: 102).



Uma vez que o processo de indiferenciação é, como dissemos, condição da possibilidade de Criação, temos que a Nova Psicanálise postula um *artificialismo total* (Silveira Jr., 2006) incidente sobre tudo que há (artifícios espontâneos, ditos naturais, e artifícios industriais, resultantes de intervenção humana) como o recurso mental de acompanhamento das transiências da lucidez à maluquez – isto é, das peripécias desta espécie desabrida de malucos beleza.

Em suma, este é o modo que se propõe para lidar com essa loucura nossa de cada dia: acompanhar os modos do Revirão – e onde estiverem barrados, forçar para que tenham passagem, *i.e.*, buscar o retorno do recalçado.

Referências

- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: *Aristóteles*. Os Pensadores, v. 4, p. 245-436. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 1972.
- FREUD, Sigmund. [1920] *Além do princípio de prazer*. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-85
- KANT, Immanuel. [1784] O que é Esclarecimento? Disponível em:
http://ateus.net/ebooks/acervo/o_que_e_esclarecimento.pdf
- LACAN, Jacques. [1946] Propos sur la causalité psychique. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966a. p. 151-193
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. 4ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.

- MAGNO, MD. [1986] *O sexo dos anjos: a sexualidade humana em psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988.
- _____. [1992] *Pedagogia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. [1991] *Est'Ética da psicanálise* (parte 2). Rio de Janeiro: NovaMente, 2002. 2 vols.
- _____. [1982] *A Música*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.
- PINKER, Steven. [2002] *Tábula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. Trad.: Laura Teixeira Motta.
- PLATON. Phèdre. In: *Oeuvres complètes*, II. Bibliothèque de la pléiade. Paris: Gallimard, 1970. p. 9-82
- ROTTERDAM, Erasmo. [1509] *Elogio da loucura*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ZARETSKY, Eli. *Secrets of the soul: a social and cultural history of psychoanalysis*. New York: Vintage, 2005.